

## VILÉM FLUSSER: A PÓS-HISTÓRIA NO TIK-TOK

Carolina Frazão **GUIDI**  
carolfrazaoguidi@gmail.com

João Flávio **ALMEIDA**  
joaalmeda@unaerp.br

### **RESUMO**

A predominância de imagens na vida do ser-humano pós-moderno é reflexo de uma era que, assim como a imagem, é cada vez mais uma cópia do real, plana, rasa e rápida. O presente artigo tem como objetivo analisar a recepção e a função das imagens feitas de maneira técnica num aplicativo em especial, o TikTok. Faremos um estudo de caso usando nove exemplos retirados diretamente dessa plataforma, com o intuito de relacionar o conceito de pós-história, de Vilém Flusser, com as imagens digitais veiculadas na nossa sociedade contemporânea.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

TikTok, Vilém Flusser, Pós-história, Fotografia

### **INTRODUÇÃO:**

Uma vez que a consciência humana é formada a partir da linguagem e essa é constituída por tecnologias de comunicação, os sistemas de comunicação possuem uma grande responsabilidade no que se refere ao funcionamento da consciência humana. Essa questão já foi estudada por alguns autores, e dentre eles se destaca um que foi particularmente inovador no que se refere aos estudos do signo, linguística e semiótica, Vilém Flusser.

Flusser foi um filósofo nascido em Praga, onde deu início aos seus estudos na Universidade Carolíngia. Por conta das dificuldades da época em relação à sua etnia judia, se mudou para Londres em 1940 e depois para São Paulo em 1941, onde residiu por 20 anos e atuou como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. Ao longo de sua

obra o autor analisa várias etapas da relação entre tecnologia, linguagem e consciência, culminando no que ele chama ser de “consciência Pós-Histórica”. Em sua vida escreveu e ministrou conferências de Teoria da Comunicação.

Apoiado em teses do autor, exímio colaborador na área da comunicação, o presente artigo tem por objetivo analisar as consequências de uma consciência contemporânea formada predominantemente a partir da repetição de imagens. Usaremos uma tecnologia de comunicação em particular, o “Tik Tok”, e analisaremos como ele se relaciona com o conceito de “Pós-História” proposto por Flusser.

O Aplicativo se assemelha aos demais por se tratar de uma plataforma de imagens, algo muito presente ultimamente nos meios de comunicação. A produção imagética em si foi uma tecnologia inventada pelo homem com o objetivo de ajudar a se orientar no mundo. Na medida em que o ser humano aprendeu a reproduzir imagens, ele transmitiu informações que de certo modo serviram ao seu auxílio na pré-história. Ou seja, imagens nunca deixam de passar algum tipo de comunicação para o mundo exterior, como o próprio autor afirma no começo do primeiro capítulo de seu livro *Filosofia da Caixa Preta*: “Imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo.” (FLUSSER, 1985, p. 07).

No começo da pré-história o ser humano usava as imagens para representar objetos do mundo exterior que o rodeiam: animais, fogo, anéis, o sol etc. Desse modo, juntamente com as imagens foi criado também o símbolo, algo imaterial que existe somente na camada suprassensível e é carregado de subjetividade. Porém, desde a pré-história, passando pela idade média e pela modernidade e chegando finalmente no século XX, algo mudou: o homem não é mais a origem de tais imagens, esse papel passou a ser da máquina. Conseguimos capturar um momento e transformá-lo em conteúdo imagético em milésimos de segundos, seja em formato de imagem estática ou vídeo. Decorrente desse avanço, agora, na “pós história”, existe uma saturação de imagens em todo lugar, a todo momento, seja por meio das redes sociais ou por meio da propaganda.

Toda imagem técnica devia ser, simultaneamente, conhecimento (verdade), vivência (beleza) e modelo de comportamento (bondade). Na realidade, porém, a revolução das imagens técnicas tomou rumo diferente, não tornam visível o conhecimento científico, mas o falseiam; não reintroduzem as imagens tradicionais, mas as substituem; não tornam visível a magia subliminar, mas a substituem por outra. Neste sentido, as imagens técnicas passam a ser “falsas”, “feias” e “ruins”, além de não terem sido capazes de reunificar a cultura, mas apenas fundir a sociedade em massa amorfa.” (FLUSSER, 1985)

Ou seja, a informação é criada e produzida por máquinas. A especulação é que esse processo cria uma consciência mágica e cíclica, visto ser o contrário de um outro processo de passar informação que foi inventado logo após a pré-história: a escrita linear. “Uma sociedade que consome imagens que se repetem tende a criar padrões de consciência repetitivos?”. O problema da criatividade a partir da repetição, causada por efeito das imagens técnicas, será investigado neste artigo.

Analisaremos, assim, o conteúdo da mídia digital “Tik Tok” por meio de nove vídeos retirados diretamente do aplicativo. Faremos um estudo de caso buscando saber se os conteúdos que circulam no app realmente se assemelham, formando um tipo de conteúdo cíclico, constantemente repetitivo.

## **2 – A imagem na pós-história de Vilém Flusser**

Segundo Flusser, imagem e língua são duas dimensões da realidade que possuem como objetivo final o armazenamento e fluxo de informação. É possível observar isso quando concluímos que, por imagens serem conceituais e representarem parte da realidade, elas se assemelham a língua. Ambos são códigos que por vezes estão ligados.

O Homem, com sua capacidade comunicativa antinatural, é capaz de construir memória através de códigos, agindo contrariamente ao processo entrópico. Somos o único ser que consegue criar e preservar informação. O resultado de tal armazenamento de informação que caracteriza o Homem chama-se cultura. Segundo Flusser, a comunicação é contrária à natureza, pois língua e imagem são maneiras de conservar informação, de criar cultura e negar alguns traços da vida, como a morte e a solidão:

A comunicação humana tece o véu do mundo codificado, o véu da arte, da ciência, da filosofia e da religião, ao redor de nós, e tece com pontos cada vez mais apertados, para que esqueçamos nossa própria solidão e nossa morte, e também a morte daqueles que amamos. Em suma, o homem comunica-se com os outros; é um “animal político”, não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão (FLUSSER, 2007, p. 91).

Imagens, línguas, escrita linear e imagem técnica se percebem predominantes em diferentes épocas que o ser humano habitou e refletem as sociedades de seu tempo de maneira nítida. Se entrarmos na pré-história, veremos que a imagem pictórica é a linguagem usada pela sociedade. É o meio de armazenar informação e se comunicar. Porém, o que é a imagem pictórica? No que ela se difere das outras imagens? Para Flusser, essas imagens são imagens tradicionais, geralmente feitas por pessoas com o auxílio de alguma ferramenta, como tinta ou

qualquer outro instrumento que permita a realização de desenho ou preenchimento de imagem. A necessidade de diferenciação dessa imagem com as demais deve-se pela existência de outros tipos de imagem, que serão analisadas posteriormente. Apenas ao passar os olhos por sua superfície a imagem pode ser captada facilmente. Entretanto, passar os olhos pela superfície não **decifra** a imagem em questão. O entendimento integral do significado da imagem só pode ser feito pela reconstrução das dimensões abstraídas no instante em que a imagem foi produzida.

O que nos permite fazer tal abstração é a nossa capacidade de “imaginação”. Ela é a responsável pela codificação e decodificação das imagens. Porém essa recodificação das dimensões abstraídas pode vir acompanhada de um certo problema: a facilidade de “leitura” do que está sendo representado pela imagem. Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear; O qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo, Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis. (FLUSSER, 1983, p.8).

O *scanning* (FLUSSER, 1983, p. 7) é o método que possibilita o observador a vaguar pela imagem com o intuito de a decifrar, implicando certa relação de tempo entre os elementos compostos na imagem. As relações devem ser feitas entre os elementos nela presentes, de maneira que a intenção da imagem e do observador se unam e proporcionem um significado perspicaz do que está sendo representado, pois “os conceitos não significam fenômenos, e sim ideias” (FUSSER, 1983, p. 10).

Flusser alega que as imagens possuem uma temporalidade de caráter específico, pois o *scanning* é um olhar de movimento circular pela imagem, o que provoca sempre em um retorno aos elementos já vistos. É a temporalidade circular, e é através dessa visão circular que as relações de significado se estabelecem (FLUSSER, 1983, p. 8). Dessa forma, as imagens pictóricas são símbolos conceituais que representam o tempo da magia, o tempo da circularidade. “O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis” (FLUSSER, 1983, p. 8). Sendo assim, a relação da imagem está diretamente vinculada às características culturais da época de sua predominância. A pré-história foi registrada de maneira semelhante ao processor circular de scanning, visto que o homem pré-histórico usou as imagens pictóricas como maneira de representar o mundo.

Posteriormente, a imagem pictórica passa a ser substituída por símbolos que mais tarde serão chamados de letras e que deram origem a escrita. A escrita foi inventada com a

intenção de eliminar a alienação do homem pré-histórico, ao fazê-lo deixar de associar a imagem pictórica como realidade absoluta, voltando a enxergá-la como símbolo. Se na consciência imagética a imaginação é usada para perceber o mundo a partir de cenas, no mundo textual percebemos o mundo a partir de processos de uma dimensão só, pois decifra-se uma letra de cada vez e ao serem unidas gera-se um significado.

Quem escrevia acabava “desmistificando” imagens, tornando-as em códigos lineares e combinados a serem decifrados. Dessa maneira a escrita cria um tempo contínuo, porque o seu deciframento ocorre de forma progressiva, diferente da circularidade da imagem pictórica. O *scanning* é substituído pela leitura linear dos códigos presentes no texto. A partir dessa alteração a linearidade passa a sobrepor o tempo mágico, o que dá início a um tempo histórico.

A sociedade moderna vive em investigação teórica de eventos. O mundo é percebido de uma forma sequencial, através de causa e efeito. Se analisarmos historicamente, a religião cristã excluiu os discursos imagéticos que eram naturais da sociedade pagã. Mas somente os padres tinham acesso ao conhecimento da escrita linear. Nessa perspectiva, até o final do período da Idade Média haviam os que ainda viviam o tempo mágico (servos) e os que viviam o tempo histórico (aristocratas) (Flusser, 1983, p.8).

Isso mudou com a invenção da imprensa de Gutenberg e da obrigatoriedade da escola, onde parte considerável da sociedade começou a ter acesso a alfabetização, o que culminou à consciência histórica. De acordo com Flusser, o acesso à alfabetização ajudou na passagem das imagens para locais periféricos, como galerias e museus, saindo do dia-a-dia da vida do homem, que aderiu o texto como principal fonte de informação. A impressão tornou o texto mais acessível e então deu início a duelo entre ciência textual e ideologia imagética (FLUSSER, 1983, p.8).

A exclusão das imagens do cotidiano das pessoas foi um acontecimento decorrido dos avanços da escrita, uma vez que a produção de imagens impressas era cara e de difícil acesso. Tal situação representa a Idade Moderna. A difusão textual faz do discurso religioso insuficiente e estagnado como meio comunicativo, o que dificulta o diálogo. A revolução científica sugere o descarte do tipo de discurso usado anteriormente e configura uma formação de trama comunicativa por meio do progresso da ciência.

Porém, assim como a imagem gerou uma idolatria, isso também ocorre no texto, que nesse momento ocupara o lugar das imagens, surgindo assim a *textolatria*. A saturação da

escrita na sociedade levou à uma fuga dos textos para outro tipo de códigos, códigos estes que a massa já não tinha acesso, como a ciência por meio da matemática, por exemplo (FLUSSER, 1983, p.12).

Depois disso, a escrita se barateou por meio de folhetins, revisas, etc. Plataformas em que se tornava cada vez mais acessível e direcionada para um entendimento de fácil apreensão. A escrita se tornou cada vez mais imagética e as imagens cada vez mais conceituais. Assim, no final do século XIX, a imagem técnica foi inventada, também com intuito de ultrapassar a crise dos textos, culminando o início da era *pós histórica*. Para entendermos como isso aconteceu, devemos compreender a imagem técnica e todo o seu universo, possibilitando assim a crítica sobre sua influência na remontagem da cultura.

A crise dos textos implica o naufrágio da História toda, que é, estritamente, processo de recodificação de imagens em conceitos. História é explicação progressiva de imagens, desmágicização, conceituação. Lá, onde os textos não mais significam imagens, nada resta a explicar, e a história pára. Em tal mundo, explicações passam a ser supérfluas: mundo absurdo, mundo da atualidade. (FLUSSER, 1983, p.9)

As fotografias, ou imagens técnicas, são imagens produzidas a partir de um aparelho. Esse aparelho transmite imagens que primeiramente são produzidas pela escrita codificada de maneira digital. Isso quer dizer que tais imagens técnicas não abstraem duas das quatro dimensões, como as imagens pictóricas. A imagem técnica é um produto de códigos binários que possuem como resultado final a imagem. Por meio desses códigos, o aparelho permite a captação da luz que está no mundo exterior e a “traduz” na forma de imagem. Dessa forma, a fotografia é um produto indireto do texto, sendo essa sua diferença da imagem tradicional.

De acordo com Flusser, o principal ponto que difere a imagem pictórica da imagem técnica é o fato que a imagem técnica é a realidade representada pela máquina, e a imagem pictórica representa a realidade por mãos humanas. E, decorrente disso, por meio dessas imagens se situam conceitos científicos (FLUSSER, 1983, p.11). A imagem técnica foi criada com o intuito de isentar a sociedade da precisão de pensar conceitualmente, de não ser capaz de converter os textos em imagens. (FLUSSER, 1983, p.16). O papel das imagens técnicas é de re-imaginar o mundo de maneira que não seja necessário textos e sendo assim, da história, visto que a história não faz parte da imagem técnica.

O problema da imagem na pós-história é que ela se desenvolveu de maneira que excluiu a complexidade antes tida nos textos e passou a ser criada e decifrada para leigos, o que culminou em novas questões na comunicação. Foram criados aparelhos fotográficos para transcodificar informações em códigos banais e as espalhar, fazendo com que as pessoas funcionem de acordo com o aparelho e impedindo a consciência histórica. Segundo Flusser, as imagens técnicas não conseguem desempenhar seu papel adequadamente, pois não reunifica a cultura mas a transforma em comunicação de massa. Os textos ao invés de se tornarem imagináveis fazem o contrário, camuflam o saber, tornando a sociedade numa massa amorfa. (FLUSSER, 1983, p.18).

Os responsáveis por levar a informação para a massa são os meios de comunicação, eles codificam nosso mundo, tornando-se assim a fonte de saber prioritária. A complicação deve-se ao fato que as imagens técnicas se transformaram no parâmetro de tudo, se tornando mágicas, aspirando perpetuar toda informação que capta por meio de sua tecnologia (FLUSSER, 1983, p.18). A necessidade e a possibilidade de analisarmos as imagens técnicas é imprescindível para que não nos deixemos penetrar pela escuridão da caixa preta. Precisamos aprender a ler as informações que são contidas na imagem técnica para que não nos tornemos alienados pelo mundo das imagens, como o homem pré-histórico.

Se analisarmos a história da humanidade e da fabricação segundo Flusser, notaremos que ela pode ser dividida em quatro períodos: o das mãos, o das ferramentas, o das máquinas e o do aparelho eletrônico. Tais movimentos que apropriam, convertem, aplicam e utilizam são antes realizados pelas mãos, seguidos depois por ferramentas, depois por máquinas e posteriormente pelo meio eletrônico. Para Flusser, as mãos são membros que manipulam objetos através de informação adquirida. As ferramentas, máquinas e meios eletrônicos são extensões das mãos, estendem o alcance das mãos.

A extensão que está sendo usada predominantemente na sociedade contemporânea é a extensão pelo meio eletrônico, meio esse que é capaz de gerar imagens técnicas, pois aparelhos são produtos técnicos que, por sua parte, se trata de um texto científico aplicado. Ou seja, as imagens técnicas imaginam o texto que imaginam o mundo, ausentando essa função que antes era do Homem.

O problema dessas imagens é justamente essa ausência de participação na criação de conteúdo e a incapacidade do observador de decifra-las. O fotógrafo e o observador já não possuem uma participação ativa no que ele produz e no que ele consome, por conta de

que o que gera o conteúdo já não é mais o Homem e sim a máquina. A partir do momento em que o aparelho é o produtor de conteúdo, o Homem serve a máquina como um “funcionário”, vivendo em função não só do ato de fotografar como em função de consumir o produto que a máquina fabrica. (FLUSSER, 1983, p.14).

A necessidade de fotografar algum momento surge da ambição de querer eternizá-lo, e o que será fotografado já não parte de uma escolha, pois a máquina é quem o faz por meio das mídias digitais, que direcionam o olhar do fotógrafo em direção ao que lhe é favorável. Sendo assim, o Homem se aliena pela magia das imagens e passa a viver em função delas.

Aparentemente, o significado das imagens técnicas se imprime de forma automática sobre suas superfícies, como se fossem impressões digitais onde o significado (o dedo) é a causa, e a imagem (o impresso) é o efeito. O mundo representado parece ser a causa das imagens técnicas e elas próprias parecem ser o último efeito de complexa cadeia causal que parte do mundo. O mundo a ser representado reflete raios que vão sendo fixados sobre superfícies sensíveis, graças a processos óticos, químicos e mecânicos, assim surgindo a imagem. Aparentemente, pois, imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real: são unidos por cadeia ininterrupta de causa e efeito, de maneira que a imagem parece não ser símbolo e não precisar de deciframento. Quem vê imagem técnica parece ver seu significado, embora indiretamente. O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus próprios olhos. Quando critica as imagens técnicas (se é que as critica), não o faz enquanto imagens, mas enquanto visões do mundo. Essa atitude do observador face às imagens técnicas caracteriza a situação atual, onde tais imagens se preparam para eliminar textos. (FLUSSER, 1983, p. 11).

A problemática da consciência movida pela magia das imagens implica o fim da história. A imersão no conteúdo imagético sem nenhum tipo de pensamento crítico em relação à mensagem que vem sendo passada pelas tecnologias de comunicação dá luz à uma sociedade alienada pelas imagens e sem pensamento crítico em relação a elas, o que torna a humanidade imersa em uma massa amorfa, desprovida de caráter histórico.

### **3 – A imagem no Tik Tok**

O aplicativo para celular Tik Tok é o que será usado como exemplo contemporâneo nesse artigo, pois, é interposto por um aparelho de *smartphone* acoplado a uma câmera fotográfica, dessa forma, esse aparelho possibilita o uso quase imediato para o que se pretende fotografar, e, juntamente com as redes sociais, possibilita o compartilhamento dessa imagem



no meio virtual, gerando uma comunicação de caráter imagético pelas pessoas da sociedade contemporânea.

Criado em 2016, o Tik Tok foi responsável por uma nova tendência de comunicação humana. O aplicativo se caracteriza pela produção e disseminação de vídeos curtos, geralmente acompanhados de música ou efeito sonoro no fundo e acabou se tornando um enorme sucesso, principalmente entre o público jovem.

Se trata de uma rede social de compartilhamento de vídeos pertencente à ByteDance, uma empresa chinesa de Beijing e fundada por Zhang Yiming em 2012. Mas o aplicativo TikTok foi lançado mesmo em 2017 tanto para iOS quanto para Android, se tornando em não muito tempo uma febre mundial que hoje ameaça desbancar redes como Facebook e Instagram de seus lugares dominantes (IGNÁCIO, 2020).

Desta forma ele entrou para a lista da consultoria da SensorTower dos mais baixados mundialmente. Isso somente no primeiro trimestre de 2019. Possuindo então cerca de 500 milhões de usuários pelo mundo, assim como uma das redes sociais mais usadas nos últimos anos, estando disponível para Androids e iPhones. (ARIEL, 2020).

Os vídeos que muitas vezes apresentam música de fundo para a imagem possuem cerca de 15 segundos e podem ser editados conforme a necessidade do consumidor. O aplicativo, muito famoso nos Estados Unidos, vem tomando lugar no Brasil há dois anos e a tendência é somente aumentar. Não é difícil, ao caminhar por uma praça, visualizar uma criança com menos de 6 anos tendo em mãos um aparelho eletrônico como celulares ou tablets. Essa sedução que o aplicativo gera nas pessoas mais novas deve-se a maneira que o aplicativo representa a imagem paralelamente com algum barulho, que às vezes pode ser a representação de uma voz infantil ao fundo, atrelada com a dublagem de algum adulto, por exemplo.

Além dos vídeos serem de curta duração, a forma com que o vídeo anterior é automaticamente substituído por outro também pode ser vinculada ao laçar da concentração do indivíduo, fazendo sua consciência submergir inteiramente ao aplicativo. Cada vez que um conteúdo acaba, começa outro logo em seguida, gerando um ciclo imagético que dificilmente é interrompido em pouco tempo. Muitas vezes, ao nos comunicarmos com quem está utilizando esta rede social, temos a impressão de que as palavras são incapazes de atingir a pessoa para qual a dirigimos.

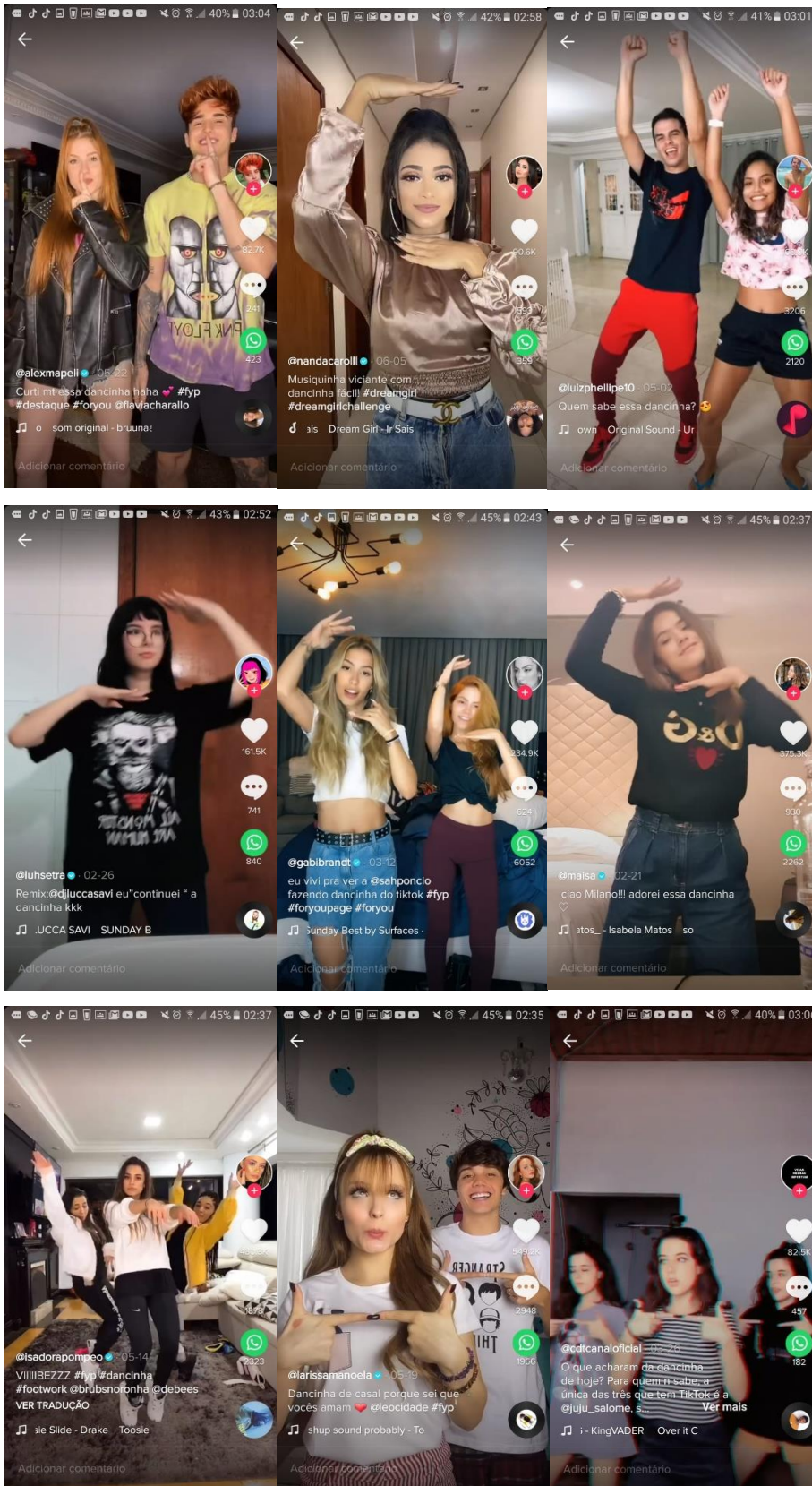
Dentro do aplicativo, existe a opção de “fazer amigos” e a opção de colocar a conta como “privada”. Quando essa opção é ativada, somente pessoas que estão na sua lista de amigos poderão ter acesso ao conteúdo criado, impossibilitando a visualização por outras pessoas. Outro recurso do TikTok é a seleção de categorias “para você”, cujo conteúdo é escolhido pelo próprio aplicativo, de acordo com o que o usuário interagiu anteriormente. Os usuários também

podem salvar em uma pasta privada vídeos, hashtags, filtros e sons, permitindo-o o retorno quando for de sua vontade.

Um dos tipos de vídeo que andam fazendo sucesso em tal rede social hoje é a representação de danças ou “passinhos” com movimentos específicos, muitas vezes produzidos primeiramente por alguma pessoa influente no aplicativo, como artistas, digitais influencers, ex-integrantes de *reality shows*, etc. Isso já pode ser encarado como um indício de que a sociedade contemporânea tem como hábito o ato de reproduzir em si conceitos imagéticos que absorveram no meio digital.

Abaixo estão exemplos de algumas das “dancinhas” presentes no TikTok, e nelas podemos observar a repetição por meio da dança (prática que teve início e predominância na pré-história). Além da representação da dança, a imagem produzida pelo aplicativo busca representar algo mais, que as pessoas procuram comunicar mesmo que inconscientemente. A “dancinha” é apenas uma desculpa para que as pessoas consigam representar o que realmente importa na sociedade contemporânea: a própria imagem.

Podemos notar pelos vídeos que há um padrão repetido constantemente. Tanto nas vestimentas quanto nos gestos, modelos de cabelo, expressões faciais, etc. Essa escolha de padrões a serem seguidos não são provenientes dos usuários, e sim, da própria mídia, mídia esta que escolhe as tendências a serem seguidas.



#### 4 – Considerações finais

Se nos perguntarmos o porquê de estarmos nas redes sociais, essa pergunta é respondida pela própria sociedade contemporânea, que gira em torno do consumismo e das tecnologias de comunicação: para ser é necessário estar. No aplicativo Tik Tok notamos que o consumo prevalece de maneira nítida. Cria-se uma certa carência onde não existe. A informação é passada de maneira teatral e hiper-realista, deixando que qualquer mínimo acontecimento tome proporções grandiosas.

A imagem digitalizada se difere da imagem analógica pois pode ser feita e veiculada em questões de segundos. Antigamente, a imagem no álbum fotográfico era restrita a exposição manual e pessoal para pessoas íntimas. Já as fotografias digitais possuem instantaneidade de criação e propagação como principal característica dos meios de comunicação atuais, gerando assim uma nova noção de tempo. Na rede social Tik Tok, o usuário pode postar imagens técnicas e essas imagens técnicas em sua maioria são frutos de algo que já foi visto anteriormente. São representações que não buscam transmitir nenhum conteúdo válido no sentido intelectual, mas sim um amontoado de imagens que se repetem constantemente.

De acordo com Flusser (1983, p.31), esse grande volume de fotografias a todo o momento gera uma desvalorização dessas, transformando-as em trapos descartáveis. Nesse aspecto, se aplicarmos esse conceito na sociedade contemporânea, veremos que o processo de desvalorização está se intensificando cada vez mais. O fato da fotografia digital poder ser criada, armazenada e reproduzida com tanta facilidade acabou diminuindo o seu valor, sendo necessariamente substituída constantemente.

O aparelho é brinquedo sedento por fazer sempre mais fotografias. Exige de seu possuidor (quem por ele está possesso) que aperte constantemente o gatilho. Aparelhoarma. Fotografar pode virar mania, o que evoca uso de drogas. Na curva desse jogo maníaco, pode surgir um ponto a partir do qual o homem-desprovido-de-aparelho se sente cego. Não sabe mais olhar, a não ser através do aparelho. De maneira que não está face ao aparelho (como o artesão frente ao instrumento), nem está rodando em torno do aparelho (como o proletário roda a máquina). Está dentro do aparelho, engolido por sua gula. Passa a ser prolongamento automático do seu gatilho. Fotografa automaticamente. A mania fotográfica resulta em torrente de fotografias. Uma torrente memória que a fixa. Eterniza a automaticidade inconsciente de quem fotografa. (FLUSSER, 1983, p. 30).

A mídia possui grande influência sobre a massa e o indivíduo, e atualmente dita padrões de beleza e de vida, gerando novos comportamentos favoráveis ao consumo e elevando cada vez mais o uso das redes sociais como meio de comunicação. A vontade do ser humano de falar sobre si mesmo, de ser escutado e não ter habilidade nem interesse de escutar o próximo gera um meio de comunicação discursivo unilateral, onde somente uma pessoa tem o lugar de fala.

O aparelho pelo qual a imagem é distribuída também possui importância na definição de caráter do conteúdo a ser veiculado. Presume-se que uma foto científica será propagada em uma revista científica, por exemplo. Nas redes sociais essa imagem é distribuída com fins de auto promoção individual. A necessidade de se impor a todo momento acaba visando valorizar aspectos narcisistas, onde o indivíduo busca sempre representar por meio de imagens vazias de significado a sua existência, buscando assim eternizá-la. O que recebe em troca é a ansiedade por aceitação, que no aplicativo em questão pode ser tida como um simples “like”.

Essa representação de si mesmo e do mundo exterior muitas vezes é maquiada, escondendo, modificando e distorcendo a realidade. Nota-se que, no aplicativo TikTok, as fotografias demonstram sempre uma aparência feliz e perfeita, algo que não pode existir com constância absoluta no mundo real. O contato recorrente com esse tipo de conteúdo por outros usuários gera a comparação, criando uma autoestima fragilizada a partir do momento em que a felicidade e perfeição que está no outro não pode ser tida com totalidade para si, pois é uma mentira.

Todo e qualquer conteúdo imagético é lotado de conceitos transcodificados. Enquanto não houver uma crítica em relação à essa fotografia, imperará a vontade do aparelho midiático e seus programadores. A alienação gerada por esse exagero de consumo imagético na *pós história* pode ser vista como perigosa, visto que, isso implica a volta do pensamento mágico e cíclico de antigamente, resultando em uma involução do Homem enquanto indivíduo histórico. (Flusser, 1983, p. 32).

A necessidade da conscientização da fotografia é urgente, pois, sem ela não é possível capturar as portas para a liberdade da vida dos que funcionam em torno do aparelho. Em um mundo onde se está cercado por aparelho somente a reflexão sobre a possibilidade de se viver livremente num mundo programado por aparelhos. A responsabilidade da filosofia da fotografia é refletir sobre a significação que o indivíduo é capaz de dar a vida, principalmente nos tempos atuais, onde tudo é supérfluo, rumo ao desaparecimento absurdo. Essa é a tarefa da filosofia da fotografia segundo Flusser, direcionar o caminho para a liberdade. Filosofia esta que se faz urgente por possivelmente ser a única saída ainda possível para a alienação. (FLUSSER, 1983, p. 41).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. 1. ed. São Paulo: Annablume. 1983.

IGNÁCIO, Bruno. A história do TikTok. **Tecnoblog.org**, 2020. Disponível em <https://www.oficinadanet.com.br/historiasdigitais/29943-a-historia-do-tiktok>. Acesso em: 02 de jul. 2020.

ARIEL, Larissa. TikTok, o que é? Origem, como funciona, popularização e problemas. **Segredos do mundo**, 2020 <https://segredosdomundo.r7.com/tik-tok>. Acesso em: 02 de jul. 2020.